

Análise do parâmetro do movimento em verbos de concordância reversa na Língua de Sinais Brasileira (LSB)

Analysis of the movement parameter of backward verbs in the Brazilian Sign Language (BSL)

Keyla Maria S. da Silva¹, Alliny de M. F. Andrade², Bárbara M. de Velasco³,
Rozana Reigota Naves⁴, Enrique Huelva Unternbäumen⁵

*Universidade de Brasília/Brasil, Universidade de Brasília/Brasil, Universidade de Brasília/Brasil,
Universidade de Brasília/Brasil, Universidade de Brasília/Brasil*

RESUMO

Neste artigo analisamos o parâmetro do movimento nos verbos de concordância reversa na Língua de Sinais Brasileira (LSB), a fim de explicar a diferença morfossintática entre esses verbos e os demais verbos com concordância (STROBEL; FERNANDES, 1998; QUADROS; KARNOPP, 2004; LOURENÇO; DUARTE, 2014; entre outros). Partindo do trabalho de Huelva Unternbäumen e Naves (2016, 2017), desenvolvemos a hipótese de que a mudança de direcionalidade do parâmetro de movimento nos verbos reversos deve ser analisada como a expressão morfossintática do argumento deslocado (em lugar da expressão morfossintática das respectivas funções gramaticais de sujeito e objeto). Propomos que, enquanto no português as funções gramaticais são cognitivamente mais proeminentes para a marcação de concordância morfossintática, na LSB o elemento cognitivo mais proeminente é o argumento deslocado.

PALAVRAS-CHAVE:

Verbo de concordância reversa. Língua de Sinais Brasileira (LSB). Parâmetro do movimento.

ABSTRACT

In this article, we analyze the movement parameter of the so-called backward verbs in Brazilian Sign Language (BSL), in order to explain the morphosyntactic difference between these verbs and the other agreement verbs. (cf. STROBEL; FERNANDES, 1998; QUADROS; KARNOPP, 2004; LOURENÇO; DUARTE, 2014, among others). Based on the work of Huelva Unternbäumen and Naves (2016, 2017), we developed the hypothesis that the change in directionality of the movement parameter in backward verbs should be analyzed as the morphosyntactic expression of the displaced argument, instead of the morphosyntactic expression of the grammatical functions of subject and object. Our proposal is that, while in Portuguese grammatical functions are cognitively more prominent for the purposes of morphosyntactic agreement marking, in BSL

Recebido em: 30-07-2022

Aceito em: 2-12-2022

¹ E-mail: keyla.silva@vitoria.ifpe.edu.br | ORCID: 0000-00015199-8147

² E-mail: allinyandrade@gmail.com | ORCID: 0000-0002-7863-1764

³ E-mail: dvbarbara@hotmail.com | ORCID: 0000-0002-8608-6372

⁴ E-mail: rnaves@unb.br | ORCID: 0000-0001-7517-0010

⁵ E-mail: enriquehuelva@gmail.com | ORCID: 0000-0001-7456-7745

the most prominent cognitive element is the displaced argument.

KEYWORDS:

Backward verbs. Brazilian Sign Language (BSL). Movement parameter.

1. Introdução

As línguas de sinais são línguas de modalidade viso-espacial e têm o movimento como um dos parâmetros relevantes para a estruturação lexical dos sinais e morfossintática das sentenças. Segundo Ferreira-Brito ([1995]/2010), as línguas de modalidade viso-espacial são distintas das línguas de modalidade oral-auditiva, uma vez que se articulam espacialmente e são percebidas visualmente. Embora sendo de modalidade viso-espacial, a Língua de Sinais Brasileira (LSB), bem como as outras línguas de sinais (LS), apresenta sistemas fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático com propriedades semelhantes aos das línguas de modalidade oral-auditiva (FERNANDES, 1994; QUADROS e KARNOFF, 2004). Em outras palavras, independentemente da modalidade em que se dá a manifestação da linguagem humana, as línguas naturais podem ser analisadas com base nas mesmas categorias descritivas.

Stokoe (1960) apresenta os parâmetros que, nas línguas de sinais, correspondem à descrição da estrutura interna dos sinais, identificada pela coarticulação de um conjunto de unidades mínimas do sistema fonológico. São unidades de composição dos sinais nas línguas de sinais: configuração das mãos (CM), locação (L) ou ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da palma da mão (Or) e marcas não manuais (MNM).

O parâmetro do movimento, para além de poder compor a estrutura morfofonológica do sinal, participa, também, da estruturação das sentenças, sendo considerado um elemento morfossintático – o chamado movimento direcional (DIR). Segundo Ferreira Brito e Langevin (1995), o movimento remete a um objeto e um espaço eventivo. O enunciador faz referência ao objeto via configuração das mãos e descreve o evento no espaço de sinalização por meio do parâmetro locação. Nesse sentido, o parâmetro do movimento, realizado no sinal, se coarticula tanto com o espaço de enunciação como com as configurações de mão (cf. QUADROS e KARNOFF, 2004).

Segundo Padden ([1983]/1988), que desenvolveu estudos sobre a morfologia verbal da Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*, ASL), os verbos das LS se classificam em:

a) verbos simples (*plain verbs*): não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos;

b) verbos com concordância (*inflecting verbs*): flexionam-se em pessoa, número ou

aspecto, mas não incorporam afixos locativos;

c) verbos espaciais (*spatial verbs*): têm afixos locativos.

Para a classe dos verbos com concordância, o parâmetro do movimento está associado aos argumentos sintáticos, marcando iconicamente o argumento sujeito (início do movimento) e o argumento objeto (ponto final do movimento). Entretanto, para uma parte dos verbos com concordância, conhecidos como verbos de concordância reversa ou, simplesmente, verbos reversos, a literatura afirma que a direção do movimento é invertida, ou seja, o ponto inicial do movimento marca o argumento objeto e o ponto final do movimento marca o argumento sujeito (cf. STROBEL; FERNANDES, 1998; QUADROS; KARNOPP, 2004; LOURENÇO; DUARTE, 2014; entre outros).

Este estudo é centrado na classe dos verbos reversos na Língua de Sinais Brasileira (LSB). O objetivo é analisar o parâmetro do movimento, a fim de explicar a diferença morfossintática relacionada aos verbos, que se opõem aos demais verbos com concordância. Considerando o trabalho de Huelva Unternbäumen e Naves (2016, 2017) sobre a relação entre gramática e conceitualização, assumimos, como base para o desenvolvimento da proposta de análise deste trabalho, que a experiência de mundo e a maneira como a realidade é percebida e apreendida são representadas por meio das categorias linguísticas (cf. Langacker, 1987; entre outros autores de base cognitivista).

A hipótese desenvolvida neste artigo é a de que a mudança de direcionalidade do parâmetro do movimento nos verbos de concordância reversa deve ser analisada como a expressão morfossintática do argumento deslocado (em lugar da expressão morfossintática das respectivas funções gramaticais de sujeito e objeto). Nossa proposta é a de que, enquanto no português as funções gramaticais são cognitivamente mais proeminentes para efeitos da marcação de concordância morfossintática, na LSB, o aspecto cognitivo mais proeminente para a expressão morfossintática da concordância nos verbos é o argumento deslocado. Essa diferença conceitual é identificada no contraste gramatical da direção do movimento dos verbos reversos.

2. Classes de verbos em Língua de Sinais Brasileira (LSB)

Segundo Fernandes (1994), ao analisar as estruturas internas das sentenças na Língua de Sinais Brasileira, é possível perceber algumas “regras específicas, como a ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação”. Essa ausência de categorias é identificada quando há a comparação da LSB com a língua portuguesa, algo recorrente nos estudos descritivos das línguas

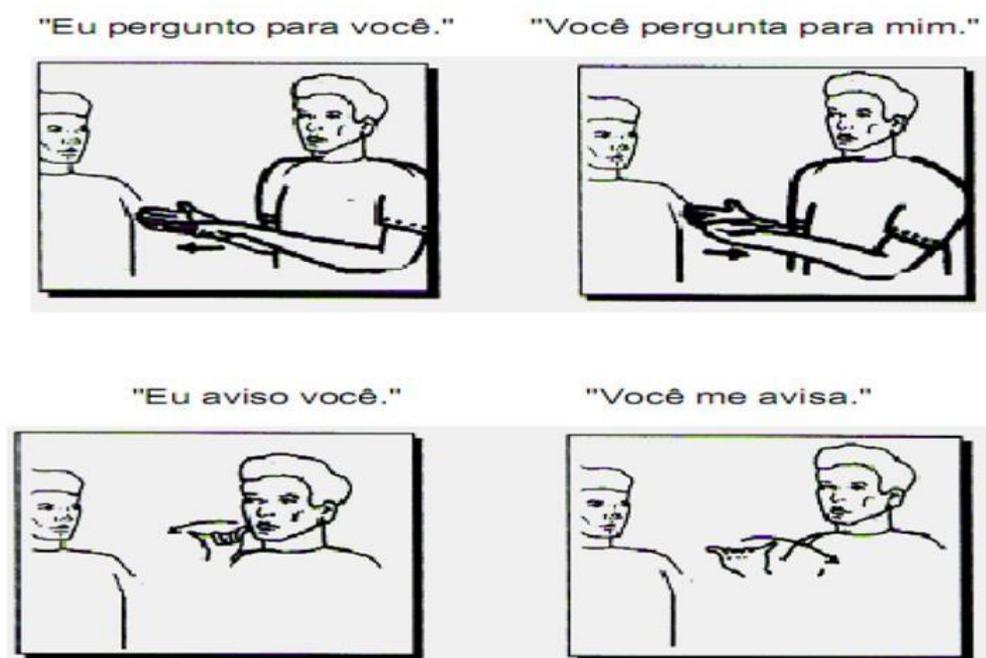
de sinais. Embora as línguas de sinais tenham sido reconhecidas como línguas naturais, ainda são comuns as análises que tomam como base a comparação com as línguas orais. Este trabalho parte do princípio de que as línguas de sinais, por serem visuais, apresentam elementos perceptivos que expressam aspectos morfossintáticos.

Conforme delimitado na Introdução, o recorte empírico deste trabalho está centrado nos verbos com concordância reversa em LSB. Nesta seção, apresentamos as características dos verbos em LSB segundo a literatura, que apresenta diferentes classes para os verbos, a depender do(s) autor(es) consultado(s).

Os verbos são classificados segundo critérios específicos pelos autores, resultando em classes que às vezes se sobrepõem, como no caso dos verbos direcionais, que incluem os verbos com concordância. Isso mostra a complexidade do léxico e amplia a tarefa dos pesquisadores nessa área. (FERREIRA, 2013, p. 41)

De acordo com Ferreira-Brito ([1995]/2010), Strobel e Fernandes (1998, p. 22) classificam os verbos em direcionais e não-direcionais. Os primeiros, segundo as autoras, são aqueles que possuem marca de concordância. A direção do movimento marca, no ponto inicial, o sujeito e, no ponto final, o objeto, como pode ser observado na Figura 1:

Figura 1. Verbos direcionais: PERGUNTAR, AVISAR⁶



Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 22)

Os verbos não-direcionais são aqueles que não possuem a marca de concordância. Esses

⁶ Neste trabalho, os itens lexicais em Língua de Sinais Brasileira são representados em caixa alta, seguindo notação amplamente utilizada na literatura para a apresentação de dados em línguas de sinais.

verbos, por sua vez, são subdivididos em duas subclasses:

Aqueles que são ancorados no corpo: são verbos realizados com contato muito próximo do corpo. Podem ser verbos de estado cognitivo, emotivo ou experienciais, como: pensar, entender, gostar, duvidar, odiar, saber; e verbos de ação, como: conversar, pagar, falar. E a segunda subcategoria, a dos verbos que incorporam o objeto: quando o verbo incorpora o objeto, alguns parâmetros modificam-se para especificar as informações. (STROBEL e FERNANDES, 1998, p. 23)

Como é possível perceber na Figura 2, no caso do verbo GOSTAR, o sinal é realizado com a palma da mão aberta em movimento circular na altura do peito – trata-se de um verbo ancorado no corpo. Já no predicado COMER-MAÇÃ, o verbo COMER, que usualmente é realizado com a mão aberta posicionada próximo à boca, flexionando-se os dedos repetidas vezes, quando forma o predicado com o objeto MAÇÃ, se realiza com a configuração de mão em C em referência icônica ao formato dessa fruta – nesse caso, trata-se de um verbo que incorpora o objeto.⁷

Figura 2. Verbos não-direcionais



Fonte: Elaboração dos autores

Posteriormente, Quadros e Karnopp (2004, p.116) apresentaram uma classificação tripartite para os verbos em LSB, qual seja: verbos simples, verbos espaciais e verbos com concordância.

Verbos simples são aqueles que não se flexionam em pessoa e número e, segundo as autoras, não incorporam afixos locativos. Pertencem a essa classe verbos como CONHECER, AMAR e APRENDER, representados na Figura 3, que são realizados com a mão em determinada configuração, próxima ao corpo do sinalizante. No caso desses verbos, o sinal permanece o mesmo, independentemente da pessoa e do número do argumento sujeito.

⁷ Na obra, as pesquisadoras apresentam uma lista de palavras em língua portuguesa para exemplificar. Considerando os leitores que não conhecem LSB, consideramos pertinente inserir imagens com os sinais.

Figura 3. Verbos simples: CONHECER, AMAR, APRENDER

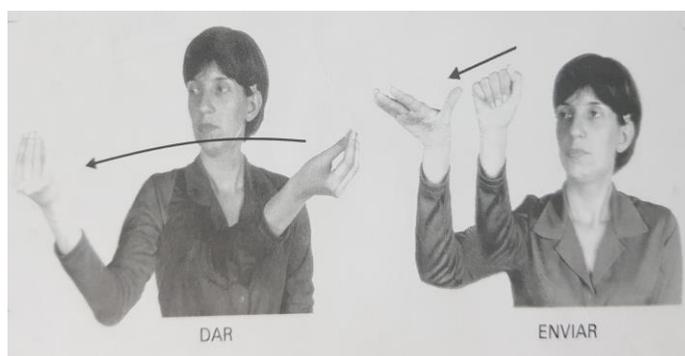
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 117)

Os verbos espaciais são definidos como verbos que apresentam afixos locativos, em que há um ponto de partida (sujeito que realiza a ação) e um ponto de chegada (o local). O verbo COLOCAR é um exemplo de verbo espacial:

Figura 4. Verbos espaciais: COLOCAR

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 118)

Por fim, os verbos com concordância, assim como os verbos direcionais descritos por Ferreira-Brito (1995) e Strobel e Fernandes (1998), “são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 117), como pode ser observado na Figura 5:

Figura 5. Verbos com concordância: DAR; ENVIAR

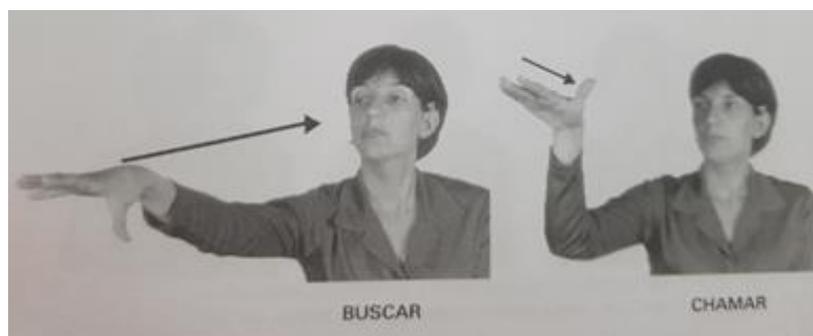
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 117)

O sinal do verbo DAR é realizado com os dedos juntos, próximo ao corpo do sinalizante (na altura do peito), a mão com orientação voltada para cima, movimentando-se no sentido distal do corpo. Da mesma forma, o verbo ENVIAR é realizado com a mão fechada próxima à cabeça do sinalizante (na altura da testa), movimentando-se no sentido distal do corpo e finalizando com os dedos abertos.

Ainda com referência à classe dos verbos com concordância, Quadros e Karnopp (2004) informam que alguns verbos se distinguem por apresentarem um “comportamento invertido”, em que a direção do movimento ocorre de forma contrária aos demais verbos de concordância. Seriam os *verbos de concordância reversa* ou *verbos reversos*.

Ainda dentro da classificação de verbos com concordância, há os chamados de *backward verbs*. Tais verbos iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem-se na posição de sujeito, ao contrário dos demais verbos com concordância, que começam sua trajetória na posição do sujeito e vão em direção à posição do objeto. Na língua de sinais brasileira há vários verbos que ilustram este tipo de verbo, como BUSCAR e CHAMAR. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 203)

Figura 6. Verbos com concordância reversa: BUSCAR; CHAMAR



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 203)

Como se vê na Figura 6, os verbos BUSCAR e CHAMAR têm sua realização iniciando-se em posição distante do corpo do sinalizante, ocorrendo movimento proximal, na direção do corpo. Um outro exemplo clássico apresentado na literatura como *verbo reverso* é o verbo CONVIDAR, que será descrito adiante neste artigo.

2. A experiência visual da pessoa surda e a construção de significados

O objetivo desta seção é desenvolver a premissa teórica de que a experiência de mundo e a maneira como a realidade é percebida e apreendida são representadas por meio das categorias

linguísticas. Em particular, pretendemos argumentar que a percepção de mundo pelos surdos é representada na Língua de Sinais Brasileira com um grau elevado de iconicidade, que é favorecida pela modalidade viso-espacial dessa língua. Esse fato estaria na base da proposta que desenvolvemos para explicar o comportamento aparentemente distinto dos verbos reversos em relação aos demais verbos com concordância.

Ao se pensar sobre o sujeito surdo, é natural, em um primeiro momento, reconhecer que a sua construção de mundo se dê de maneira semelhante à de um sujeito não surdo. Porém, na ausência do sentido da audição, essa experiência dá-se exclusivamente de forma visual e, portanto, particular – o que não o torna menor ou incapaz. A pesquisadora surda Karin Strobel afirma que essa experiência visual é “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 27).

Categorizar e classificar linguisticamente o mundo a partir do sentido da visão, sem a audição, é uma atividade que requer outras especificidades. Para ilustrar essas especificidades, Strobel relata:

Uma vez meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele, era um ambiente escuro com velas e flores no meio da mesa, fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava por causa de falta de iluminação, pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música que, sem poder escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos de vai-e-vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria! (STROBEL, 2008, p. 38)

Se o namorado em questão fosse também surdo, provavelmente sentir-se-ia incomodado com a falta de iluminação e o excesso de estímulos visuais. O depoimento de Strobel faz refletir sobre a experiência visual do surdo, bem como sua forma de interagir no mundo. A forma como se dá a construção de significados é um aspecto importante da cognição humana, sobretudo ao se pensar no papel da percepção visual do surdo na codificação da experiência.

A Linguística Cognitiva tem por objetivo o estudo dos aspectos cognitivos da linguagem. Para tanto, assume como base a experiência de mundo e a maneira como a realidade é percebida e apreendida a partir de categorias (LANGACKER, 1997, 2008). Pode-se dizer, dessa forma, que, para o cognitivismo não há separação entre corpo e mente. As percepções da mente se conjugam

e estão, necessariamente, no corpo. Nesse sentido, construir significados é um exercício que envolve diversos aspectos pelos quais se importa a semântica cognitiva.

Nesse arcabouço teórico, conceituar é um processo que resulta no uso da construção gramatical para expressar algo referente ao mundo. Em outras palavras, a língua é usada para conceituar o que se “vê”. Esse exercício linguístico é balizado pela gramática: a escolha de uma determinada construção para expressar um significado corresponde à relação entre a projeção de uma imagem associada a uma categoria gramatical.

Segundo Langacker (1987), o homem é capaz de sentir diversas emoções e perceber infinitos sinais existentes no mundo: o transcorrer do tempo, o espectro de cores, os sons, os cheiros e os sabores. Há, também, a sensibilidade ao toque e às texturas. A essas habilidades o autor chamou de domínios básicos. O processo mental conhecido como conceitualização é responsável por identificar, classificar e nomear as diferentes percepções do mundo a partir da interação. No processo de conceitualização, imagens pré-fabricadas constroem o mundo, ancoradas na gramática. O conjunto de experiências é percebido e recepcionado de forma homogênea na mente, na cognição humana.

Há nesse aspecto um certo grau de abstração, pois uma categoria pode abarcar diversos domínios. Isso significa dizer que os vários elementos de uma categoria possuem diferentes graus de divergência. Alguns são mais prototípicos, mas, certamente há, em todo grupo categorial, elementos menos prototípicos, que se agrupam, fundamentalmente, por similaridades parciais.

A metáfora é um mecanismo cognitivo que permite transladar uma imagem de um domínio para o outro, representando um fator de economia linguística (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1980). A formação de metáforas é o processo de projetar a mesma construção gramatical para diferentes experiências, expandindo o uso vocabular. O movimento, por exemplo, é produtivamente metaforizado no cotidiano: “o sangue subiu à cabeça”, “estou de queixo caído”, “as vendas ficaram abaixo do planejado”. Tais enunciados demonstram a forma pela qual a realidade se projeta a partir de imagens que são recodificadas em metáforas nos mais diferentes contextos.

Ao se pensar sobre a importância das funções cognitivas na codificação verbal da experiência, é possível refletir sobre a relação da codificação gramatical e de como o sistema cognitivo seleciona elementos conceituais da realidade experiencial. Diferentes correntes linguísticas aliam-se na busca de compreender a relação entre gramática e conceitualização no funcionamento das línguas humanas.

Embora seja um fenômeno mental, a conceitualização é baseada na realidade física: consiste na atividade do cérebro que funciona como parte integrante do corpo, que funciona como parte integrante do mundo. Significados linguísticos também são pautados na interação social, sendo negociados por interlocutores baseados na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções. (LANGACKER, 2008, p. 4, tradução nossa)⁸

Quando um surdo ou participante da comunidade surda quer falar o nome de outra pessoa, ele utiliza o recurso da datilologia, pelo qual cada letra do nome em questão é soletrada, por meio do alfabeto manual, como pode ser observado na Figura 7:

Figura 7. Sinalização da sentença: MEU NOME É JOÃO



Fonte: Elaboração dos autores

Entretanto, não é muito comum os participantes de uma comunidade surda digitalizarem os nomes pessoais. Cada participante da comunidade recebe um sinal de batismo, geralmente atribuído por um surdo, e a escolha do sinal não é fortuita.⁹ No momento do batismo, o surdo leva em consideração alguns critérios para a criação do sinal, que podem ser uma característica física, alguma mania ou cacoete, algo que visualmente remeta à pessoa. O surdo que aceitou ser modelo fotográfico para registro das imagens deste artigo tem o seguinte sinal de batismo:

⁸ No original: “Though it is a mental phenomenon, conceptualization is grounded in physical reality: it consists in activity of the brain, which functions as an integral part of the body, which functions as an integral part of the world. Linguistic meanings are also grounded in social interaction, being negotiated by interlocutors based on mutual assessment of their knowledge, thoughts, and intentions.”

⁹ “Ganhar um sinal” ou “ser batizado com um sinal” é quando uma pessoa recebe, normalmente de um surdo, um sinal que o representará em língua de sinais. O ato de “dar um sinal” é chamado de batismo.

Figura 8. Sinalização da sentença: MEU SINAL É 'JOÃO'

Fonte: Elaboração dos autores

É por meio desse sinal que *João* é identificado na comunidade surda. O sinal *lhe* foi atribuído por representar o hábito de passar o polegar na sobrancelha sempre que transpira. Em outras palavras, a referência a *João* na comunicação entre surdos não ocorre pelo seu nome, como acontece com pessoas não-surdas, mas pelo sinal de batismo que *lhe* foi atribuído. É possível, então, perceber, com base na experiência visual dos surdos, uma forma distinta dos sujeitos não-surdos de codificar a entidade “pessoa”.

Essa ilustração representa, no campo do léxico, a forma como a percepção visual de mundo dos surdos é aguçada, muito provavelmente em decorrência da deficiência auditiva, que não se apresenta como um canal possível de percepção. Isso resulta em um grau elevado de iconicidade dos sinais, como também pode ser observado nos verbos representados nas figuras da Seção 1 deste artigo.

Entendendo o processo de conceitualização como parte da gramática e como tendo uma natureza simbólica, em que há emparelhamentos entre forma/sentido, é possível perceber as diferentes formas de organizar as experiências a serem comunicadas (cf. Langacker, 2008). Nesse sentido, a iconicidade que se observa na constituição dos sinais também se apresenta na estruturação das sentenças. Com base nessa constatação, passamos a analisar os verbos com concordância na LSB, em particular os verbos com concordância reversa.

3. Análise do parâmetro do movimento direcional nos verbos da Língua de Sinais Brasileira

Passamos à análise do parâmetro do movimento direcional nos verbos da Língua de Sinais Brasileira (LBS). Conforme apresentado na Seção 1, o movimento direcional (DIR) é aquele que se apresenta na estruturação das sentenças e que representa categorias morfossintáticas. Trata-se, portanto, do movimento observado na classe dos verbos com concordância, cuja função é a de marcar morfossintaticamente o sujeito e o objeto.

Segundo o que diz a literatura sobre esse tema, o movimento direcional é realizado no sentido do sujeito para o objeto com a maior parte dos verbos com concordância, mas apresenta comportamento invertido nos verbos reversos, iniciando-se no ponto em que estaria representado o objeto e direcionando-se ao ponto em que estaria representado o sujeito (cf. Strobel e Fernandes, 1998; Quadros e Karnopp, 2004; Lourenço e Duarte, 2014; entre outros).

Constatamos, portanto, que a literatura considera que o movimento direcional desses verbos corresponde exclusivamente aos argumentos sintáticos e suas posições na sentença em Língua de Sinais Brasileira, usualmente descrita como apresentando ordem SVO. É por essa razão que a classificação como verbos reversos se impõe para itens como BUSCAR, CHAMAR, CONVIDAR: uma vez que a ordem é SVO tanto para os verbos com concordância quanto para os verbos reversos e o movimento direcional é descrito exclusivamente como a expressão morfossintática da concordância com sujeito e objeto, não resta alternativa a não ser propor uma subclassificação para os verbos reversos.

Coloca-se, neste ponto, a questão de pesquisa que orienta este trabalho: Por que as línguas de sinais promoveriam diferentes estatutos sintáticos para os argumentos (sujeito e objeto) dos verbos de concordância e para os argumentos dos verbos reversos? O que justifica essa diferença de comportamento do movimento direcional?

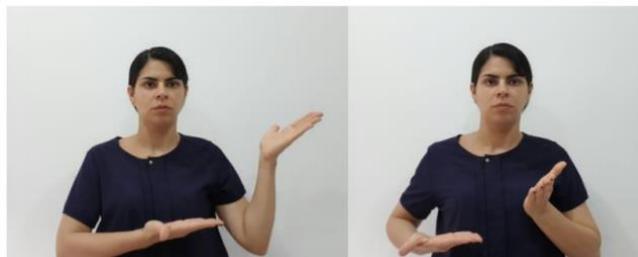
Para responder essa pergunta, partimos do pressuposto de que a concordância marcada pelo movimento direcional do sinal do verbo nos predicados formados com verbos reversos pode ser explicada por meio da interface entre semântica e sintaxe. Consideramos que o movimento aparentemente invertido nos predicados formados por verbos reversos, começando pelo objeto e se direcionando ao sujeito, ao contrário dos demais verbos de concordância, pode ser explicado com base em elementos conceituais, na relação entre conceitualização e gramática.

A abordagem teórico-metodológica encontra respaldo em Huelva Unternbaumen e Naves

(2017), segundo os quais “o sistema cognitivo, entre outras coisas, seleciona os elementos conceituais de uma realidade experiencial complexa para os propósitos de codificação gramatical”. A hipótese teórica que vem sendo explorada pelos autores é a de que aspectos semânticos mais proeminentes da conceitualização produzem um efeito nas propriedades formais das línguas naturais e são relevantes para a explicação do funcionamento morfossintático das línguas.

Neste artigo, desenvolvemos a proposta de análise utilizando, como estudo de caso, o verbo CONVIDAR, representado na Figura 9. Entretanto, cabe ressaltar que, com a análise desse verbo, pretendemos ilustrar as propriedades morfossintáticas e semânticas de todos os demais verbos da classe dos verbos reversos em LSB.

Figura 9. Verbo reverso: CONVIDAR

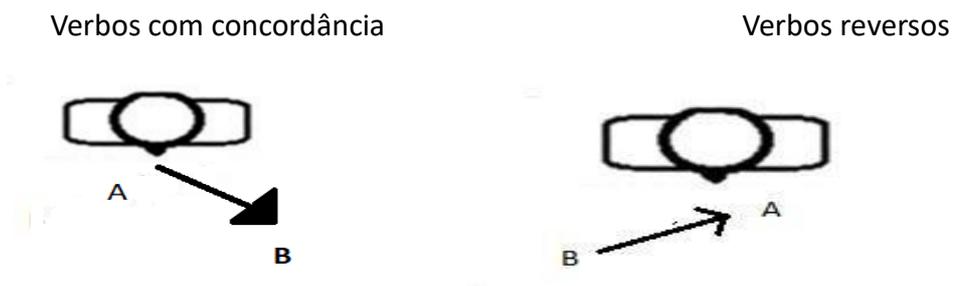


Fonte: Elaboração dos autores

A exemplo dos verbos BUSCAR e CHAMAR representados anteriormente na Figura 6, a sinalização do verbo CONVIDAR, que utiliza as duas mãos com as palmas voltadas para cima, inicia-se distante, do corpo da sinalizante, marcando a posição do objeto (a pessoa convidada). O movimento ocorre na direção do corpo, à altura do tronco.

Os diagramas a seguir contrastam o movimento direcional realizado com verbos com concordância e com verbos reversos:

Figura 10. Movimento direcional em verbos com concordância e verbos reversos



Fonte: Elaboração dos autores

O primeiro diagrama representa os verbos com concordância (por exemplo, DAR, na sentença EU [DEI X] Ø ELE):¹⁰ o sujeito de 1ª pessoa é aquele que dá (algo) para a 3ª pessoa (objeto) e a direção do movimento do sinal do verbo, que marca a concordância, apresenta um comportamento previsível ($A \rightarrow B$), começando no ponto de referência do sujeito (A) e se direcionando ao objeto (B). Já o segundo diagrama representa os verbos reversos (por exemplo, CONVIDAR, na sentença EU CONVIDO ELE): nesse caso, é também o sujeito de 1ª pessoa aquele que convida 3ª pessoa, mas o movimento apresenta um “comportamento invertido” ($B \rightarrow A$), se comparado com os verbos de concordância.

Segundo Lourenço e Duarte (2014), não há mudança na ordem dos constituintes: em ambos os casos, as sentenças mantêm a ordem SVO.¹¹ O que há de especial, então, na concordância com verbos reversos em LSB, que justifique esse aparente “comportamento invertido” do movimento direcional, se a ordem dos constituintes não se altera?

A comparação das duas classes de verbos aponta para o fato conceitual de que eles se distinguem quanto à direção do movimento de um objeto físico (ou abstrato) no mundo: enquanto DAR implica a transferência de um objeto de posse do argumento sujeito para o argumento dativo (o beneficiário), CONVIDAR implica o movimento do convidado (o argumento interno do predicado) para o ponto no espaço que representa o argumento sujeito.

Em outras palavras: embora não haja diferença sintática em termos de ordem dos constituintes, há uma diferença semântica conceitual entre os verbos, que resulta nas diferentes configurações do movimento direcional nas sentenças formadas por esses verbos. Nossa proposta é a de que o movimento direcional representa, iconicamente, o movimento do elemento

¹⁰ O símbolo Ø representa a ausência da preposição PARA nesse tipo de sentença em Língua de Sinais Brasileira. O fato de a LSB não apresentar preposições nesse contexto morfossintática não interfere na análise proposta neste artigo, razão pela qual não exploraremos esse aspecto da estrutura da LSB.

¹¹ Lourenço e Duarte (2014) desenvolvem uma análise gramatical para os verbos reversos, em uma abordagem gerativista, baseada na hipótese de que a Concordância depende do Caso (abstrato). Trata-se de um trabalho relevante, que busca explicar, do ponto de vista estrutural, o comportamento invertido do movimento direcional nos predicados formados por verbos dessa classe. Os autores propõem que a LSB apresenta uma cisão no sistema de Caso, apresentando construções do tipo Nominativo-Acusativo e outras do tipo Ergativo-Absolutivo, o que resulta na linearização inversa dos padrões de afixação para alguns verbos. Por falta de espaço, não faremos uma análise mais detalhada do trabalho de Lourenço e Duarte neste artigo. Consideramos que a proposta dos autores apresenta uma abordagem interessante para as estruturas gramaticais, mas deixa de explicar como se daria a relação entre Caso e (a falta de) Concordância expressa em verbos simples (cujos argumentos, por força da teoria, têm Caso abstrato), bem como que fatores motivariam a cisão do sistema de Caso em LSB. Na análise que apresentamos neste artigo, nosso objetivo é, justamente, explicar por que a classe dos verbos com concordância parece se subdividir (na subclasse dos verbos com concordância reversa). Entretanto, nós o faremos utilizando uma abordagem conceitual e apontaremos, ao final, para a possibilidade de tratar, em trabalho futuro, a expressão gramatical da concordância em termos das propriedades morfossintáticas e semânticas do traço [DIR].

deslocado no mundo, quer seja um objeto físico (como o complemento do verbo DAR ou CONVIDAR), quer seja um objeto abstrato (como o complemento do verbo PERGUNTAR, que é também um verbo com concordância, ou CHAMAR, que é um verbo reverso).

Essa proposta de análise conceitual para o parâmetro do movimento direcional na LSB se confirma no próprio significado dos verbos. Por exemplo, o dicionário Houaiss define o verbo *convidar* como “solicitar a presença ou participação de ‘alguém’ em ‘algo’”, estando a etimologia desse verbo relacionada ao “ato de chamar para a mesa”. O evento de *convidar*, portanto, implica o deslocamento do convidado para o local em que se encontra a pessoa que convida, e não o inverso.

Compreendendo-se dessa maneira a conceitualização dos eventos cujos verbos se incluem nas classes dos verbos com concordância em LSB, os quais se caracterizam pela semântica de transferência, envolvendo movimento de um objeto físico ou abstrato, a exemplo dos verbos DAR, ENVIAR, PERGUNTAR, AJUDAR, e dos verbos reversos, os quais se caracterizam pela semântica de deslocamento de um objeto, a exemplo dos verbos BUSCAR, CHAMAR, CONVIDAR, é possível concluir que não há comportamento invertido do movimento direcional. Ao contrário, em ambos os casos, o movimento direcional representa a trajetória do objeto transferido/deslocado. Trata-se, em última análise, de um processo de conceitualização distinto do que ocorre em português, em que a concordância toma como elemento conceitual mais proeminente as funções gramaticais (temáticas) de sujeito e objeto.

4. Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar o parâmetro do movimento direcional na classe dos verbos reversos em Língua de Sinais Brasileira, a fim de explicar a aparente inversão desse movimento, quando comparado com o que ocorre com os verbos com concordância.

Assumimos, como base para a elaboração da proposta de análise deste trabalho, que a experiência de mundo e a maneira como a realidade é percebida e apreendida tem correlatos gramaticais, que se expressam por meio de categorias linguísticas (cf. Langacker, 1987; entre outros autores cognitivistas).

Os diagramas apresentados na Figura 10 demonstram que a direcionalidade do movimento do sinal do verbo nos predicados formados por verbos com concordância e nos predicados formados por verbos reversos espelha, de forma icônica, a percepção do movimento físico (ou abstrato) do objeto deslocado, sempre começando no ponto inicial do movimento do objeto

deslocado para o ponto final. Ou seja, não se tem como referência para a concordância o argumento sujeito, mas o objeto deslocado.

Nesse sentido, a conceitualização do movimento nos predicados formados por verbos com concordância e por verbos reversos em LSB reflete o fato de que os surdos organizam a experiência de comunicar-se por meio de uma língua de modalidade visual, sendo a iconicidade um elemento importante para o estudo da relação entre semântica lexical e sintaxe nas línguas de sinais.

Foi proposto que, do ponto de vista da conceitualização, as funções temáticas/gramaticais (sujeito/objeto) são cognitivamente mais proeminentes em português para efeitos da marcação de concordância morfossintática, enquanto na LSB a propriedade cognitiva mais proeminente para a expressão morfossintática da concordância nos verbos é o argumento deslocado. Essa diferença conceitual produz a diferença gramatical na direção do movimento dos verbos reversos.

A diferença na expressão morfossintática dos predicados pode ser elaborada formalmente em termos das propriedades do traço semântico [DIR] (relativa ao movimento direcional) e sua interface com o componente semântico da gramática. Deixaremos a implementação dessa ideia para um trabalho futuro.

Bibliografia

FERNANDES, E. Parecer solicitado pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo sobre a língua de sinais usada nos centros urbanos do Brasil. *Revista Integração*. MEC/Secretaria de Educação Especial, ano 5, nº 13, p. 18- 21, 1994.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1995]/2010.

FERREIRA, G. A. *Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira*. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

HUELVA UNTERNBÄUMEN, E.; NAVES, R. R. A relação entre gramática e conceitualização: abordagens teóricas atuais e desafios futuros. Projeto de pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2016.

HUELVA UNTERNBÄUMEN, E.; NAVES, R. R. The encoding of self-movement in cyberspace: bridges between the phenomenological-cognitivist and the minimalist approaches to grammar. In: *Linguistic Symposium on Romance Languages*, 47th, 2017, University of Delaware.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LOURENÇO, G.; DUARTE, F. B. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. *Veredas: Revista de Estudos*

Linguísticos. Juiz de Fora, v. 18 (1), p. 342-366, 2014.

PADDEN, C. A. *Interaction of morphology and syntax in American Sign Language*. New York/London: Garland Publishing, [1983]/1998.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da Libras*. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação/SUED/DEE, 1998.
